

III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

AVENTURAS NA HÉLADE: UMA RELEITURA DA OBRA “O MINOTAURO”, EM MONTEIRO LOBATO

*Aira Cristine de Souza*¹

Universidade Estadual de Goiás
Uruaçu- Goiás, Brasil

aira_cristine14@hotmail.com

Edson Arantes Junior

Universidade Estadual de Goiás
Uruaçu- Goiás, Brasil

Resumo: Este trabalho tem como objetivo retratar a forma com a qual Monteiro Lobato, em específico na obra *O Minotauro*, utiliza para apresentar as aventuras dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo na Grécia Antiga, assim como também a forma que o autor utiliza para se apropria de narrativas helênicas a fim de constituir a formação das crianças. Também como ele “no cenário rural do Sítio do Picapau Amarelo, constrói uma realidade ficcional coincidente com a do jovem leitor [...] e cria uma mitologia autônoma [...]” (Ferreira, 2009, p. 427) para transpor o mundo do Sítio à realidade dos que acompanhavam sua saga. Iremos ressaltar também a formação dos leitores em relação à literatura lobatiana, visando tanto os momentos em que o autor apresenta a cultura Grega, quanto os que ele utiliza das indagações dos personagens para sanar as dúvidas dos leitores.

Palavras-chave: Formação de Leitores, Monteiro Lobato e Mitologia Grega

Em nosso trabalho abordamos as apropriações feitas pelo escritor paulista Monteiro Lobato das narrativas mitológicas helênicas particularmente analisamos o livro *O minotauro*, publicado originariamente em dezembro de 1920. Este livro compõe

¹ Graduanda em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás. Bolsista PIBIC/UEG (*Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica*). Artigo escrito sob orientação do professor mestre Edson Arantes Junior

a saga *O Sítio do Picapau Amarelo*. Personagens como *Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, a boneca Emília, O Visconde de Sabugosa, a Tia Anastácia* vivem diversas aventuras neste cenário que liga o Brasil Rural, da primeira metade do século XX, com a tradição ocidental.

Nesta pesquisa, investigamos justamente a maneira original com a qual Lobato faz esses vínculos. Para isso, contextualizaremos a trajetória deste autor, a forma que ele utiliza os mitos em suas narrativas e a análise dos diálogos entre os personagens. Buscamos entender os valores expressos por Lobato, a fim de estimular determinadas condutas, partimos do preceito que há uma pedagogia lobatiana. Ou seja, a proposta de expressar uma forma superior de cultura elitista e eurocêntrica. Tal hipótese, será sustentada a partir da comparação da narrativa do helenista brasileiro Junito de Souza Brandão e as de Monteiro Lobato. Neste momento, não nos preocupa as diferentes variantes gregas dos mitos, mas aquelas que já compõem o patrimônio cultural do ocidente, ou seja, as narrativas mais divulgadas, que provavelmente do autor teve acesso.

Lobato foi um dos primeiros escritores brasileiros a dirigir seus textos ao público infantil. Por meio da paródia, que permitia ao autor se apropriar das narrativas já existentes na tradição, emulando-as de acordo com seus interesses ou ainda adaptando-as para fazer sentido no contexto brasileiro. Para isso ele modifica as estórias inserindo críticas. Ele reconstruiu personagens e amalgamou fatos pré-existentes.

Temos de destacar o caráter institucional importante ocupado por Lobato, que fundou a primeira editora brasileira. Os livros de Lobato foram escritos em momentos culturais no qual a Editora Brasiliense investiu nesses textos, e as mesmas seriam distribuídas gratuitamente nas escolas. Até este momento, o público infanto-juvenil tinha contato apenas com traduções de obras européias; assim, publicar novas narrativas que envolva o cotidiano das crianças brasileiras ampliava o acesso aos textos e também engrandecia os autores brasileiros.

O autor adquiriu diversas profissões: “escritor, editor, tradutor, crítico de arte, empresário, fazendeiro, sendo que suas marcas mais fortes foram deixadas no campo literário e editorial” (MOTA, 2010, P. 22). Com isso, suas ações tornaram-se precursoras no mercado editorial brasileiro, adquirindo ao final da década de 1910 a *Revista Brasil* (1917) e logo depois fundou a *Monteiro Lobato e Cia*, a primeira editora brasileira. Seu empreendimento desenvolveu-se rapidamente e assim “as atividades

como escritor e editor levaram Monteiro Lobato a ocupar o centro do campo intelectual brasileiro na passagem da década de 1910 para a década de 1920” (MOTA, 2010, P. 24).

A narrativa lobatiana, “produzida durante as décadas de 1920, 1930 e 1940, pode ser pensada como uma aplicação de suas propostas para a nossa afirmação cultural” (LACERDA, 2008, p. 10). Inicialmente o autor posicionava nas rodas intelectuais paulistas como um crítico de arte, e apresentava propostas para o desenvolvimento da arte nacional, tendo como um dos pontos principais o distanciamento da cópia dos modelos europeus e embasando-se nos diversos temas como natureza, sociedade, ou cultura popular brasileira.

A literatura infantil de Monteiro Lobato era composta por temas vinculados ao seu cotidiano. Logo, o uso da mitologia grega parte de uma parodia de seus elementos, a fim de melhor integrá-los neste modelo.

Nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo São Francisco, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusto Lobato. Seu nome verdadeiro era José Renato Monteiro Lobato, mas preferiu adotar o nome do pai por desejar usar uma bengala que continha no punho as iniciais JBML.

Embora escrevesse ainda jovem para o jornal da escola e, anos depois, artigos e carta ao jornal *Estado de São Paulo*, ele se dedicava a vida de fazendeiro e sua

relação com o meio rural ocorre, sobretudo, ambientada no vale do rio Parába do Sul, no interior do estado de São Paulo. Além de ter passado sua infância nessa região, Lobato herdara de seu avô a Fazenda do Buquira, na cidade de Taubaté (MOTA, 2010, p. 22).

Decidiu escrever para literatura voltada à criança por considerar injusto não aproveitar a oportunidade para explorar a renovação da literatura infantil no Brasil que, além tentar transpor para as crianças o mundo dos valores e as culturas, para Monteiro Lobato,

a escrita endereçada a infância, se fundaria, então, não na descrição da realidade, mas na sua crítica pela construção da fantasia. O autor estabelece o recurso à imaginação como um dos traços marcantes desta escrita (PEREIRA, 2010, p. 5).

Nas obras lobatianas, em geral nos textos que são parodiados, o autor não se limita a encontrar fronteiras entre o que é parodiado com o de origem, como na reescrita de *Os doze trabalhos de Hércules* e *O Minotauro*, no qual Lobato faz suas apropriações escrevendo diversas partes diferentes das já conhecidas. Assim, compreendemos que:

A definição moderna de paródia a denomina como uma forma de repetição que inclui diferença, imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo, o que rebate as críticas, mostrando a paródia não como simples apropriação de um texto, e sim a construção de um novo (SILVA, 2009, p. 28).

neste sentido podemos afirmar que em suas narrativas o autor apresenta o modelo de vida européia como sendo o correto.

Monteiro Lobato cria situações em que os diálogos entre os personagens correspondem às possíveis dúvidas por parte dos leitores e os utilizam para que os eles possam compreender temas abordado. A mentalidade da época fazia claras distinções de temas a ser tratado em cada faixa etária, o que priva o público infantil de algumas leituras, por serem caracterizadas como impróprias para as crianças e também pelo grau de dificuldade na interpretação da escrita. Por exemplo, o acesso as traduções de fabulistas como o grego *Esopo* e o francês *Jean de La Fontaine*, com isso a compreensão de certos assuntos era minimizada.

Nos textos de Lobato, identifica-se tanto no uso da tradução quanto no da adaptação, a preocupação de trabalhar o uso desses recursos, [o dialogo entre os personagens] uma vez que o escritor ultrapassa o simples uso dos métodos, pois escreve uma obra nova, amalgamando, nessa nova criação, os elementos mais importantes da narrativa mítica (SILVA, 2009, p. 28).

Essa compreensão se torna possível já que o autor instigar a dúvida no leitor. E constrói uma representação em sua resposta, por exemplo, descreve o monstro Minotauro como um ser carnívoro e forte e depois, o apresenta gordo de tanto comer bolinhos de chuva.

O livro, *O Minotauro* é uma paródia das heranças culturais da Grécia antiga e apropriada para a literatura infantil. A presença de diversos personagens gregos em sua narrativa é instigante por serem colocados em ordem aleatória. Em cada momento da estória o escritor descreve diferentes personagens míticos ligando-os à próxima aventura, por exemplo, nas cenas em que há a reunião dos deuses ou a luta do herói Hércules com a Hidra de Lerna.

Por meio destes recursos, o narrador apresenta aspectos selecionados da cultura helênica, objetivando construir uma representação que mesclava aspectos da história da Hélade grega com problemas e assuntos pertinentes a sua época. O que é feito na descrição de alguns dos ambientes como a Tessália² e o Olímpo³, ou de personagens como Péricles⁴ e Fídias⁵. O narrador constrói a empatia com a cultura grega e gera assim uma identificação fictícia destes para quem ler, fazendo com que cada personagem ganhe aparência e seja modelado de acordo com as características que Lobato acrescenta em cada um.

Este caminho que vai da Grécia ao Brasil pode ser facilmente observado em seus textos, por exemplo, em uma de suas descrições da Grécia que é comparada com o Sítio. Em uma fala de Dona Benta, personagem que representa a elite agrária brasileira, ela introduz a Grécia Antiga para os demais personagens:

A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da imaginação às soltas. Por isso floresceu como um pé de ipê. A arquitetura e a escultura chegaram a um ponto que até hoje nos espanta. O pensamento enriqueceu-se das mais belas idéias que o mundo conhece – e deu flores raríssimas, como a sabedoria de Sócrates e Platão... (LOBATO, 1993, p. 383).

E se refere à Hélade tratando-a como moradia mítica dos deuses e também dos monstros gregos, detalhada em uma das falas de Dona Benta dando explicações para as crianças sobre a Grécia Antiga:

[...] a Grécia antiga, também conhecida como Hélade, que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh sim, lá é que era a grande Grécia imortal (LOBATO, 1993, p. 378).

² A Tessália era uma das partes da Grécia, a qual, como vocês sabem, se compunha de diversos estados independentes, mas unidos na mesma religião. (LOBATO, 1993 – vol. 06, p. 381). Havia a Tessália, o Peloponeso, a Helas, e o Epiro, partes por sua vez, divididas em pequenas repúblicas, como a famosa Ática, de que Atenas era capital, e a terrível Esparta (LOBATO, 1993, p. 382).

³ [...] o Olímpo, foi ate certo período a morada dos deuses gregos, porque no fim eles acabaram mudando-se para o céu (LOBATO, 1993, p. 382).

⁴ Péricles nasceu no ano de 495 antes de Cristo. (...) Só no físico não foi perfeito, por falta de regularidade na forma do crânio. Péricles tinha uma cabeça como a do Toto Cupim, isto é, como uma bolsa no cocuruto. Por isso só se deixa retratar de capacete na cabeça. Tirante esse pequeno defeito, era um homem de grande beleza física, dessas que se aproximam da beleza olímpica (LOBATO, 1993, p. 381).

⁵ [...] Fídias, o maior escultor de todos os tempos. Ele esta agora dirigindo a construção do Partenão, ou o templo de Palas Atena, que é, como já expliquei, a grande obra-prima da arquitetura grega. (LOBATO, 1993, p. 388).

Antes de apresentar o monstro Minotauro, o autor descreve muitas aventuras do pessoal do Sítio, ele separa os personagens em dois grupos. Essa divisão separa os personagens entre os “intelectuais” com Dona Benta e Narizinho. Elas ficaram no século de Péricles, no qual participam de eventos importantes e de conversas sobre a Grécia e os helênicos, tendo em vista propiciar na narrativa um espaço para a análise do seu passado, e assim, fazer a avaliação político-social dos gregos e de sua cultura. Em um trabalho de comparação das manifestações artísticas da região com as de seu tempo. “A obra faculta ao leitor, assim, o contato com o passado de forma reflexiva [...]” (FERREIRA, 2009, p. 429). Essa narrativa tem de ser pensada em seu caráter formativo. O que pode ser observado no decorrer de sua narrativa, por exemplo, ao descrever os deuses desta maneira:

eram os do Olimpo, humanos demais e duma vida muito cheia de escândalos, de modo que os homens de alta inteligência, como Péricles, interiormente se riam deles, considerando-os simples criações da imaginação do povo. (LOBATO, 1993, p. 390),

Assim, observamos que para a melhor compreensão da narrativa, são utilizadas pequenas críticas sobre a grandeza dos deuses na Grécia Antiga. Desta forma, ele coloca os imortais como criações da imaginação do povo, o que justifica o politeísmo aos brasileiros da elite, ao escrever desta maneira ele manipula a captação de sentido, para que o leitor diminua seu estranhamento a este fato, para assim criar uma nova identidade para os deuses. Desta forma, Lobato coloca a idéia do politeísmo de forma mais amena, e já rebate a crítica de que estaria pregando estórias que falam de outros deuses.

O segundo grupo de personagens é composto por Pedrinho, Emília e Visconde de Sabugosa, são os “aventureiros”, exceto Visconde, que compõe o grupo para dar explicações eruditas em alguns passos da narrativa, por exemplo, quando eles admiraram o azul da montanha e percebem que de perto não é tão azul como parece de longe e sim verde, como todas as outras montanhas.

- Estou vendo que o tal azul é a maior das petas – observou Emília. – Quando a gente se aproxima ele foge.
O Visconde deu a sua opinião de sábio.
- O azul das montanhas e do céu não passa da cor do ar visto em quantidade. Só percebemos essa cor quando há uma grande quantidade de ar, como a da camada atmosférica.
Emília chamou a atenção de Pedrinho para um ponto.

- Já reparou – disse ela – como a ciência fica uma coisa sem graça aqui na Grécia? Tudo cá é poesia – e a ciência é prosa. (LOBATO, 1993, p. 415).

A missão deste grupo é retornar à Hélade a procura de Tia Nastácia, que anteriormente havia sido raptada pelo monstro grego Minotauro. Monteiro Lobato envolve outros mitos na narrativa, e descrevem diversos personagens, como a Hidra de Lerna⁶ O pastorzinho⁷ e alguns deuses⁸, estes são apresentados com muita ênfase, são descritos cuidadosamente na tentativa de passar ao leitor a beleza e a devoção aos deuses por parte dos gregos.

Entretanto, vale ressaltar que há uma pequena contradição nas descrições dos gregos sobre sua devoção aos deuses. Uma vez que, em alguns momentos ele coloca que existe total submissão da Grécia aos deuses, em outro lugar afirma que os mais inteligentes não acreditam nos deuses e em suas estórias. Lobato ainda cita a existência de um pequeno grupo de ateus e monoteístas.

Ao observarem os deuses, os personagens sentem o desejo de conhecer o néctar e a ambrosia, estes são apresentados como o alimento das divindades; para o leitor, a apresentação destes elementos e sua comparação com algo próximo de seu cotidiano produzem a empatia com a narrativa. Monteiro Lobato faz essa apresentação por meio da fala de Emília que relata aos demais sua curiosidade em relação a estes alimentos:

- Vamos subir ao Olimpo para ver os deuses e esclarecer um ponto que nos está preocupando muito, que é saber a verdade a respeito do tal néctar e da tal ambrosia. O néctar eu imagino o que seja – mais ou menos um mel. Já da ambrosia não faço a menor idéia. (LOBATO, 1993, p. 414)

Para Victor Lacerda, o resgate de Tia Nastácia o tempo todo é um pretexto para as aventuras na Grécia Antiga e “assim, diante da impossibilidade de conseguirem presenciar todas as “tremendas” façanhas e maravilhas da Grécia mitológica (em um único livro), os personagens finalmente se lembram do motivo pelo qual empreenderam

⁶ Hidra era o mais temeroso monstro ainda aparecido no mundo; [...] – A Hidra!... Vi-a lá embaixo... o corpo no pântano... as sete cabeças de fora. Perto dela, muitos cadáveres humanos... (LOBATO, 1993, p. 429).

⁷ Era um jovem esse pastor, aí duns vinte anos no Maximo. Cabelos em caracóis, belo de rosto e de corpo, vestido rusticamente como todos os outros pastores dos poemas. (LOBATO, 1993 – vol. 06, p. 413).

⁸- O que acho formidável é o cabelo e a barba – sussurrou Pedrinho. –Encaracolados. A verdadeira ondulação permanente é essa, porque é eterna. Agora estou comprehendendo o que vovó disse da “beleza olímpica”. É isso – essa serenidade de quem não vê nada acima de si (LOBATO, 1993, p. 415).

aquela viagem à Hélade: a busca de Tia Nastácia.” (LACERDA, 2008, p. 99). Ao perceberem isso eles buscam informações sobre o local no qual ela poderia estar e assim iniciam a procura pela cozinheira, pois até então, o autor coloca aventuras que são distantes do resgate proposto desde o início da narrativa.

Não é por coincidência que Lobato faz presente o monstro Minotauro, sua característica é de ser “objeto mental que o leitor domina e com o qual pode interagir, quando desejar, por meio da leitura.” (FERREIRA, 2009, p. 434) Assim ele utiliza deste personagem para produzir um labirinto de informações aos leitores. Se compararmos a narrativa de Monteiro Lobato com a apresentada pelo helenista brasileiro Junito de Souza Brandão, autor que descreve o mito de Teseu, iremos notar uma semelhança de fatos, como a descrição do monstro Minotauro ou das vestes gregas, assim como apropriações de Lobato para a literatura infantil. Monteiro Lobato apresenta o fio de Ariadne, que é, no mito narrado por Brandão, um fio no novelo que serviria “para que Teseu pudesse uma vez no intrincado covil do minotauro, encontrar o caminho de volta” (BRANDÃO, 2009, p. 172), como uma linha que Pedrinho traz em seus pertences e que é apresentado em uma das falas de Pedrinho: - “Mas nós sabemos o jeito de entrar e sair: é irmos desenrolando um fio de linha” (LOBATO, 1993, p. 463).

Brandão apresenta o Minotauro como um monstro que todos temem e que é isolado do contato com outras pessoas, é por meio de um acordo entre o rei de Creta e a Cidade de Atenas que o Minotauro é alimentado anualmente, pois, são enviados de Atenas “sete moços e sete moças para serem devorados pelo monstruoso Minotauro, que habitava um labirinto subterrâneo” (BRANDÃO, 2009, p.169). Lobato, porém, ao recontar o mito esquece esses pontos e coloca Visconde frente a frente com o monstro para pedir informações sobre tia Nastácia, ao voltar ao grupo Visconde apresenta um bolinho que conseguiu roubar do Minotauro. O que permite o reconhecimento, já que o bolinho era de Tia Nastácia. Todos se alegram em saberem que ela está viva.

Quando os “picapaus” encontram Tia Nastácia, ela, como sempre, estava a trabalhar. É interessante ressaltar que os demais personagens são descritos vivendo aventuras e participando de comemorações gregas e raramente eles se lembram de Tia Nastácia. Ela é sempre citada cozinhando, e a primeira coisa que conta aos garotos é como sentiu saudades e se lembrou de cada um deles. Contudo, esta forma de mostrar a lealdade da cozinheira também pode ser pensada como submissão ao trabalho assim como a obrigação de sempre esta prestando serviços aos demais.

A forma que o autor encontra para que o Minotauro não tenha devorado a Tia Nastácia é por meio dos bolinhos famosos que ela resolve fazer como forma de despedida de seus amigos. “Me lembrei de todos lá do sítio e disse comigo: ‘vou fazer pela última vez o que eles mais gostavam tanto’”(LOBATO, 1993, p. 465). Com esses bolinhos tia Nastácia alimenta o monstro e se torna sua cozinheira (mas só de bolinhos), e por dias, ele passa a comer apenas os bolinhos e não mais carne humana como é relatado por Brandão como “tributo simbólico destinado a alimentar o monstro: o sacrifício anual dos jovens inocentes de Atenas. [...]” (BRANDÃO, 2009, p.170).

Após conseguirem a encontrá-la os “picapaus” retornam à saída guiada pelo fio que deixaram para traz, igual Teseu⁹ quando mata o Minotauro. Se comparar as duas partes pode-se notar que, antes que Teseu fosse guiado por Ariadne¹⁰ por meio do fio que ela o presenteia, os “picapaus” já haviam estado no labirinto e tidos na presença do mostro. “Assim, depois que os personagens finalmente encontram Tia Nastácia, o conflito com o Minotauro não chega a ser uma ameaça, já que, por seu estado decadente e sedentário, não seria necessário nenhum tipo de combate físico para vencê-lo [...]” (LACERDA, 2008, p. 105). Diferente do Mito de Teseu que não relata como ele derrota e mata o monstro, mas apenas que consegue sair do labirinto.

A proposta de formação do leitor dentro da narrativa se consiste pelas diversas citações de tempos e espaços diferentes do cotidiano de que a lê. Assim “o leitor, por meio da leitura de *O Minotauro*, talvez aprenda a pensar por si mesmo e a ver, em um mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que, tal como as personagens, pode ser agente de transformação”(FERREIRA, 2009, p. 432). Assim, podemos concluir que Monteiro Lobato, além de parodiar os mitos gregos também transpõe sua cultura e propõe uma nova sociedade embasada na cultura Grega. Na construção da literatura infantil brasileira o recurso as estórias tradicionais gregas requer a adaptação, por meio da paródia. O caráter sanguinário do mito é aplacado na narrativa lobatiana.

⁹ Homem forte por excelência, que libertou a Grécia de tantos monstros.

¹⁰ A mais bela filha de Minos.

Referências

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega vol. III.* Vozes: Petrópolis-RJ, 2009.
- CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. *O espelho de Atena: Mito e Reflexão;* Goiânia: Deescubra, 2003.
- _____. *Perseu e Atena: Narração Mítica e Formação;* Goiânia: UCG/ Kelps, 2009.
- COMPANGON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum;* UFMG, 2012
- DÉTIENNE, Marcel & VERNANT, Jean-Pierre; *Métis: As astúcias da inteligência.* São Paulo: Odysseus, 2008.
- DIEL, Paul. *O Simbolismo na mitologia grega.* São Paulo: Attar, 1991.
- FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. *No centro do labirinto: o papel do leitor na obra O Minotauro.* In; LAJOLO, Marisa & CECCANTINI, João Luís. *Monteiro Lobato, livro a livro. Obra infantil.* São Paulo: editora UNESP, 2009. p. 427 - 435
- LACERDA, Vitor Amaro. Um *mergulho na Hélade:* mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato. Belo Horizonte, 2008, (Dissertação de mestrado).
- LAJOLO, Marisa & CECCANTINI, João Luís. *Monteiro Lobato, livro a livro. Obra infantil.* São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- LOBATO, Monteiro. *Obras Completas - Vol. 06,* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SALIS, Viktor D., *Educação através da Mitologia Grega:* Para formar jovens éticos e criadores; São Paulo: Edição do autor, 2012.
- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *A Barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: origens da literatura infantil brasileira.* 32º congresso internacional da IBBY. Santiago de Compostela, 2010.
- SILVA, Adriana Paula dos Santos. A paródia em Monteiro Lobato: adaptações clássicas. Maringá, 2009 (Dissertação de mestrado).
- THIES, Tainá Siqueira. Mitologia em Monteiro Lobato: dialogismo e carnavalização em O Minotauro. *Revista de Estudos Literários da UEMS.* Campo Grande. V. 2, ano 2, n°3, p. 57-69: dez/2011.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga.* Rio de Janeiro. Jose Olympio. 2010.